



Caminhos do azul na Europa





## Parceria estratégica Erasmus+ Os caminhos do azul na Europa: transversalidade das aprendizagens e transculturalidade das linguagens



Esta publicação reflete apenas o ponto de vista de seus autores.  
Nem a Agência Nacional Erasmus + nem a Comissão Europeia são responsáveis  
pelo uso que poderá ser feito das informações nela contidas.

“Caminhos do azul na Europa” é uma obra coletiva que engloba um grande consórcio de parceiros europeus envolvidos num mesmo projeto: utilizar o seu património cultural como vetor para combater a exclusão social.

Os autores traçam, entre os seus diferentes países, um itinerário cultural em torno da hipótese da cor azul como um facto social europeu. O azul fala-nos aqui sobre práticas antigas que contribuem, desde a Idade Média, para a identidade europeia, dos mosaicos paleocristãos de Ravenna, à pintura monocromática Azul Klein exposta no Centro Georges Pompidou, passando pelas pinturas moldavas de Voronet, pela cerâmica toscana de San Quirico d'Orcia, pelos frescos de Giotto em Pádua, pelos azuis dos vitrais e pelas iluminuras medievais da Ilha de França, pelos azulejos de Espanha e de Portugal, pelos azuis dos pintores Nabis em St. Germain-en-Laye, pelas instalações contemporâneas do Trafaria Praia de Joana Vasconcelos ou pelo *Transcultural Carpet Blue* de Aline Rutilly, citando apenas alguns azuis ...

Emblema e símbolo da Europa, o azul é evidenciado neste itinerário cultural constituído por diferentes azuis e múltiplos caminhos que os ligam. Estes não são lineares. Cruzam-se e ramificam-se de maneira diferente através da Europa. São construídos ora ao longo de antigos caminhos históricos ou sagrados, ora ao longo de estradas traçadas pela imensa paleta dos azuis dos escritores, escultores, pintores, ceramistas, azulejistas, poetas de outrora e de hoje ...

Em França é sob o signo dos poderes mágicos e benéficos de Sequana, deusa celta do Sena, e da sua "magia azul", que estes caminhos são traçados, desde as portas de Paris até ao mar. Distinguem-se através de uma enorme paleta de azuis, os vitrais de Marc Chagall ou os de Georges Braque os monocromos de Yves Klein, as pinturas de céus e água dos impressionistas os frescos dos pintores Nabis em Saint-Germain-en-Laye, incluindo a Cerâmica de Rouen e as paisagens do estuário do Sena pintadas por Claude Monet.

Estes caminhos do azul chegam aos do sul, através da Península Ibérica, por meio do azulejo, um pequeno quadrado de cerâmica de cor azul-cobalto com proporções modestas, mas com um fabuloso destino. Vindo de Granada para Sevilha no século XIV, o azulejo herda dos ceramistas do Al-Andalus as suas decorações com padrões geométricos. O azulejo português condensou gradualmente este património andaluz, a majólica italiana e os azuis das cerâmicas chinesas e holandesas que passavam pelas feitorias comerciais de Portugal. O azulejo atinge o seu apogeu no século

XVIII, onde se expande progressivamente a espaços públicos e privados, quer no interior dos edifícios civis, quer religiosos, ou nas superfícies exteriores das fachadas das ruas e dos edifícios.

Em Portugal, o azul é responsável pelo cheiro do oceano que se espalha neste país de marinheiros, onde a terra, o mar e o céu se congregam em todas as nuances do azul. Traçam uma esteira azul oceânica, desde o Algarve com os seus Vales Suspensos até Lisboa, porto base, no Tejo, do cacilheiro Trafaria Praia. É a bordo desta obra flutuante que a artista plástica Joana Vasconcelos construiu o seu percurso artístico que a levou de Lisboa a Itália, durante a Bienal de Veneza de 2013.

Ao chegar à Itália, os "Caminhos do azul" desenham um triângulo que tem por vértices as cidades de Montecchio Emilia, Ravenna e San Quirico d'Orcia. Este "triângulo azul" é traçado pelo rio Pó, a norte, pela Via Teutonica a leste, pela Via Francigena a oeste, caminhos já traçados pelo fluxo de peregrinos que viajaram e ainda viajam por toda a Europa. Ao passearmos por estes caminhos seguindo os passos de Giotto ou de Mantegna, são os encontros com algumas cidades que revelam, por sua vez, a majestade desta "cor azul" entre o céu e a água: Cremona, Parma, Mantua, Ferrara, Lunigiana. Nos seguimos o percurso do Vale do Pó, de Rimini a Pádua, através de Ravenna, a capital internacional de mosaico. Esta cidade assume um esplendor, especialmente no Mausoléu de Galla Placida, através de todos os tons do azul estrelado de cor dourada proveniente da azurite e lápis-lazúli que vieram do Oriente através do porto de Classe.

Os nossos "Caminhos do Azul" levam-nos à Roménia, onde se cruzam para atravessar as cidades de Iași, Voronet e Sapanta.

Em Iași, o "azul de Sabin Bălașa" é evidenciado nos murais da Sala dos Passos Perdidos da Universidade Alexandru Ioan Cuza, onde constitui o pano de fundo de cenas fantásticas, entre a mitologia antiga e a ficção contemporânea.

Esta rota do azul romeno leva-nos em direcção ao norte até ao " azul de Sapanta ", "paraíso azul descido sobre a terra", um feliz cemitério onde circulamos entre sepulturas pintadas com tonalidades brilhantes e sorridentes de azul.

Mais a leste, o azul evidencia-se nos frescos das igrejas dos mosteiros da Alta Moldávia, onde, como em Voronet, Probota, Suceava, Humor, Moldovita, Arbore

Sucevița, os Evangelhos são lidos nas imagens. A igreja de Voroneț é o "canto do cisne" desta gloriosa época medieval.

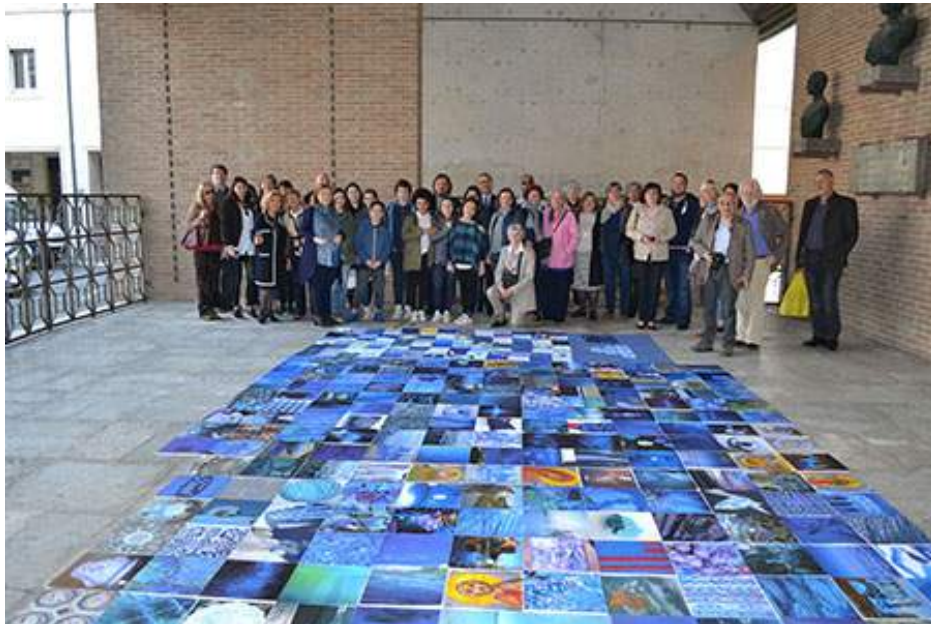
Defronte dos frescos que cobrem as paredes, somos transportados para o universo celestial da espiritualidade divina, onde a cor passa do real para o imaginário, num *continuum* infini.

O azul infinito sugere que os nossos "Caminhos" continuam muito para além do área descrita neste livro. Essa cor encontrou uma forte imagem internacional no *Planeta Azul*, uma expressão nascida nos anos 60, para designar a Terra, cujas imagens nos foram enviadas aquando das primeiras viagens no espaço. O evento do azul a nível "mundial" encontra hoje os símbolos do azul como cor emblemática da paz e do sonho de um mundo melhor.



É o significado que dei à instalação do *Transcultural Carpet Blue*, um conceito de "obra partilhada" que desenvolvi enquanto artista plástica. É uma obra em constante progressão, um "azul transformado em tapete" nascido, no início, da justaposição dos meus diferentes pontos de vista sobre os azuis fotografados durante as minhas viagens pela Europa. Ao convidar os meus parceiros para participar nesta obra, abri o *Transcultural Carpet Blue* ao diálogo entre as culturas e as gerações.

A instalação virtual [www.transcultural-carpet-blue.eu](http://www.transcultural-carpet-blue.eu) é um convite, a qualquer internauta, para plantar, neste tapete volante, o seu "quadrado azul" em imagens e em palavras, na sua língua e na sua cultura, sem limites de tempo ou de espaço.



A extensão do *Transcultural Carpet Blue* é horizontal: personifica a experiência física e virtual do diálogo, do caminho em direção ao outro e à sua relação, sem fronteiras, à Terra.

**Aline Rutily, Associação *Paysage et patrimoine sans frontière*,  
Saint-Germain-en-Laye, França**



*Caminhos do azul em França*

*Sequana, das portas de Paris até ao mar*

Na nascente do rio residia *Dea Sequana*, uma divindade celta tão imponente que inicialmente se julgou que era um homem, antes de descobrir com espanto que era uma deusa. É sob o signo dos poderes mágicos e benéficos da deusa do Sena e da sua "magia azul", que este ensaio coloca os nossos caminhos traçados pela água do rio.

Não é uma questão, para nós, de ter uma ideia erudita sobre este lugar tão estudado, mas de seguir o exemplo de alguns "artistas do Sena" que nos convidam a um passeio sem fim, a um errar poético ao longo do rio, desde as portas de Paris até ao mar.

## **Em Paris, Azul de Klein, Azul de Monet, Azul de Chagall**

### ***Azul de Klein***

Em Paris, para além dos vitrais da Sainte-Chapelle, o azul é IKB, International Klein Blue, criação de Yves Klein. A capital, nomeadamente o Centro Georges Pompidou, presta regularmente homenagem a este lendário artista, que quis "pintar" o céu de Paris com uma pincelada de pontos azuis ou iluminar, com eles, a Praça da Concórdia.

Desde a sua descoberta dos céus de Giotto na Basílica de Santo António de Assis, a sua obra é testemunha da sua obsessão, a partir de 1957, de embeber todo o seu universo da matéria líquida aderente do [IKB: um azul saturado, monocromático, que produz uma explosão infinita, como um clarão de luz que se teria dilatado, desacelerado e depois cristalizado na noite de acrílico.](#)

Yves Klein cria as suas obras monocromáticas como objetos de culto, [tais como o ex-voto na forma de um tríptico que ele fez para oferecer ao mosteiro de Santa Rita de Cascia, na Itália.](#)<http://www.yvesklein.com/fr/commentaires-d-oeuvres/view/16/l-ex-voto-a-sainte-rita-da-cascia/?of=5>



### ***Azul de Monet***

Este desdobramento da cor azul dialoga com os *Nenúfares* de Claude Monet no Museu da *Orangerie*, um grande poema de água, entre o rio e o jardim; a forma elíptica do museu, alinhada com o eixo este-oeste do percurso do sol, contribui para esse desdobramento do azul e para as suas conotações cósmicas.



O fluxo do Sena, paralelo ao traçado do Museu, é uma metáfora da passagem do tempo, o verdadeiro tema dos *Nenúfares*. Diante deste trabalho o caminhante é "envolvido", como queria Claude Monet, "por um todo infinito, por uma onda sem horizonte e sem margens".

### ***Azul de Chagall***

Esta mística do Azul de Klein e do Azul de Monet dialoga com o *Azul de Chagall* em Paris, onde muitas vezes são expostas *A paisagem azul*, *Os amantes azuis*, *O circo*

azul, O violinista azul ou Notre-Dame e a Torre Eiffel tomando banho na água azul do Sena.



É também a luz azul dos céus de vidro das igrejas que interessa a este pintor. "Para mim", disse ele, "um vitral representa a divisória em vidro entre o meu coração e o coração do mundo. O vitral é empolgante, precisa de gravidade, de paixão. Ele deve viver através da luz perçecionada". Para a catedral de Reims, ele fez um tríptico de vitrais azuis que difundem, na obscuridade do deambulatório, uma paleta de inúmeras tonalidades, dos azuis esverdeados às safiras purpúreas que se partem e se fundem umas nas outras.

### **Às portas de Paris, o azul dos meandros do Sena Saint-Germain-en-Laye, cidade « esmaltada de azul »**

Em Saint-Germain-en-Laye, cidade situada num planalto que se estende a perder de vista sobre o Sena, desde o enorme terraço criado no parque de seu castelo por

André Le Nôtre, o "caminho do azul" confunde-se com o curso deste rio que inspirou as artes desde tempos imemoriais. O azul está enraizado na história real da cidade, cujo brasão lembra o nascimento, em Saint-Germain, do rei Luís XIV: um brasão de fundo azul com um berço que tem por cima uma flor-de-lis e na base a data 5 7bre 1638. Ao longo das deambulações, descobrimos, aqui e ali, resplandecências deste azul real que embeleza a cidade, como o da cerâmica de sua Farmácia Real, uma das mais importantes coleções da antiga farmacopeia de França.



No coração do bairro histórico da cidade, não muito longe da Farmácia, nasceram, em 2018, os Caminhos do azul no Jardim das Artes, um jardim efêmero construído por ilhas de vegetação, onde domina o azul, evocando o encontro entre as artes: música, pintura, teatro, escultura<sup>1</sup> ...



<sup>1</sup> A concepção deste jardim foi orientada por Aline Rutilly para a Associação *Paysage et Patrimoine sans Frontière*, com a colaboração de Nathalie Chancel e Nathalie Magret, do Polo Meio Ambiente da Mission Local, do Liceu Agrícola da Cidade de Saint-Germain-en-Laye. Este projecto foi apoiado pelo programa Erasmus +, pelas Fundações Batigère e Crédit Agricole de Île-de-France, pela empresa Cupastone e pelo Departamento das Yvelines.

Devemos ir seguidamente ao Museu Maurice Denis para conhecer o azul de *Nabi*, que é ilustrado nos frescos da Capela ou da Eterna Primavera, numa suavidade calcária de azuis luminosos esbranquiçados evocando este "sonho branco" de que fala Camille Mauclair, "estas combinações de céus azuis e malva (...) jogos de sombras claras e de luzes opacas, tudo isso sem uma razão definida, sem tema que possa ser contado. .. "



### **Os meandros do Seine, Região dos Impressionistas**

É a bordo de uma barcaça que devemos passear ao longo das ilhas e margens dos meandros do Sena, através de Bougival, Chatou, Port-Marly pintados por Alfred Sisley, Camille Pissarro ou Pierre-Auguste Renoir. Apoiado na amurada, o passeante fica surpreso a sonhar, o olhar perdido na luminosidade do céu levada

pelo rio. As paisagens percorridas ainda ressoam com risadas despreocupadas, bailes, piqueniques, sextas sob os barcos, almoços na relva, reminiscências dos textos de Émile Zola ou das obras de Pierre-Auguste Renoir como “O almoço dos barqueiros” ou “La Grenouillère”, pequena ilha do Sena também pintada por Claude Monet.



### **Le jardin de Claude Monet à Giverny**

O Sena leva-nos a Giverny, na Normandia. Claude Monet criou aí o seu jardim como uma pintura viva ilustrando as suas pesquisas estéticas, mudando de aspecto conforme a hora e a estação, multiplicando os pontos de vista à medida que o visitante passeia. Este experimenta, assim, o contato íntimo com um jardim projetado, como um lugar onde mergulhar e onde encontrar as sensações percebidas diante das pinturas dos Nenúfares do Museu da *Orangerie*: fluidez e fluxos de luz, reflexos ondulados, profundezas lustrosas ...



## O azul de Rouen

Não longe de Giverny, a cidade de Rouen é uma outra "oficina ao ar livre" para muitos pintores. Aqui, O azul leitoso das faianças do Museu da Cerâmica parece invadir a cidade, a sua catedral, para esfregar as pedras da calçada das ruas.



Para poder pintar a sua série de Catedrais de Rouen em diferentes momentos do dia, Claude Monet ocupou um pequeno quarto em frente do edifício. Trinta pinturas nasceram desta catedral vista várias vezes, onde flutuam os azuis, sempre diferentes, ora tingidos de azul-acinzentado ou de azul-rosa-pérola, estremecendo sob o percurso das nuvens.

## No estuário do Sena, o azul do mar na Costa de alabastro

No final do nosso caminho, o Sena encontra o canal da Mancha no seu estuário, na Costa de Alabastro. Muitos artistas, como Eugène Boudin, Claude Monet, Gustave Courbet, Guy de Maupassant e Gustave Caillebotte, transmitiram a sua visão destes lugares de encostas verdejantes, de falésias calcárias de giz monumentais, de rochas "pontigudas", de praias de seixos, de profundos "vales".



Suspensa sobre o mar, a igreja de Varengeville e o seu cemitério marinho difundiram desde sempre a magia do espírito do lugar.

O pintor Georges Braque, que ali repousa, criou para a igreja uma incrível *Árvore de Jessé*, vitral inspirado na falésia com vista para o mar.



Aqui, como escreveu o poeta Jacques Prévert, “o mar é lavadeira, o terreno arenoso é o seu tanque. O mar estrelado. O mar envolto. Segredos trocados. Beleza divulgada”.

**Aline Rutilly, Associação *Paysage et Patrimoine sans Frontière*, Saint-Germain-en-Laye, França**





### **Caminhos do azul na Espanha.**

#### **O caminho do azulejo através da Península Ibérica, entre Espanha e Portugal**

O caminho do azulejo, um pequeno azulejo colorido com proporções modestas, mas com um fabuloso destino, conduz-nos da Andaluzia do século XIV, onde se desenvolveu pela primeira vez na Europa, até Portugal, onde conheceu o seu apogeu a partir do século XVIII. Encontramo-lo tanto no interior dos edifícios civis ou religiosos, como nos revestimentos exteriores das fachadas.

#### **O azulejo espanhol, de Granada a Sevilha,**

De Granada a Sevilha, o azulejo herda dos ceramistas do Al-Andaluz, um ornamento com padrões geométricos. No Alhambra, desde o século XIV, distinguimos dois tipos de composição:

- uma repetição de peças geométricas facilmente dissociáveis (quadrados, triângulos, estrelas), como no Pátio dos Arrayanes



- um entrelaçamento de diferentes peças que se interpenetram, formando redes complexas, como nas paredes de Salão dos Embaixadores ou Sala do Mexuar





Sevilha tornar-se-á, nos séculos XV e XVI, o grande centro de produção de azulejos. Para isolar as cores da decoração, utilizava-se técnicas como:

- a cuerda seca (corda seca): uma linha desenhada que delimita os esmaltes coloridos, com a largura de uma corda.
- o arista ou cuenca (aresta): as zonas a delimitar são gravadas a oco com a ajuda de um molde que isola as cores por tipos de "arestas" em relevo.

É a partir de Sevilha que os primeiros azulejos figurativos portugueses nasceram a partir do século XV, sob a influência da majólica italiana, em particular a de Francesco Niculoso, um oleiro italiano de Pisa. A capela do Alcázar de Sevilla ou o retábulo do mosteiro de Tentudía são ainda exemplos visíveis dos painéis de azulejos de Niculoso.

### **O azulejo português, do Algarve a Lisboa**

Desde a fronteira com Portugal, é o azul do azulejo que se espalha em todas as cidades, através das superfícies de cerâmicas brilhantes, nas fachadas das paredes, nas ruas, nas praças, nos jardins e nos palácios.



Na província do Algarve, encontramos magníficos exemplos de azulejos, entre os mais famosos de Portugal: os do Palácio de Estoi e os da pequena igreja de São Lourenço, não muito longe de Faro. Podemos ver aí o exemplo de painéis de azulejos pintados por grandes mestres, como os de Policarpo de Oliveira Bernardes, datados de 1730.

Em Lisboa, o Museu Nacional do Azulejo traça o percurso do azulejo e as suas Bifurcações constantes no tempo e no espaço. O azulejo condensa, de facto, todas as estradas que construíram a sociedade e a cultura portuguesas: os fluxos migratórios vindos do Oriente, as primeiras grandes viagens à volta da terra, as rotas comerciais com a Ásia, o Brasil, a Itália, Norte da Europa, que passavam por grandes portos como o de Antuérpia.

No século XVII, os pintores de azulejos usam como modelos as gravuras ornamentais vindas da Europa, para criar revestimentos cerâmicos para grandes superfícies de parede, onde os Grotescos se articulam com temas religiosos. Essa é uma das qualidades mais interessantes do azulejo: a sua transculturalidade.

São frequentemente painéis feitos por ceramistas holandeses. O azulejo azul é omnipresente, em grandes cenas de caça ou de guerra, religiosas, mitológicas ou

satíricas, abrange impressionantes superfícies arquitetónicas onde substituiu a pintura a óleo de tradição europeia. A Igreja encomenda painéis de azulejos para representações de santos, emblemas e cenas narrativas religiosas. Por sua vez, a nobreza manda decorar com azulejos as paredes dos novos palácios construídos na capital ou na periferia rural de Lisboa, como o Palácio dos Marqueses de Fronteira. lisboète, comme Le Palais des Marquis de Fronteira.



A partir do século XVIII, reagindo contra estas importações holandesas, pintores portugueses assumem a liderança. É o início da "era dourada do azulejo", o "Ciclo dos Mestres", exemplificado quer em Lisboa quer em todo o Portugal. As obras deste período caracterizam-se por uma nova espontaneidade, um tratamento livre e espontâneo da imagem e pela busca de composições adaptadas ao espaço arquitectónico. Os grandes nomes são os de Manuel dos Santos, de António de

Oliveira Bernardes e do seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes, autor dos painéis de azulejos da igreja de São Lourenço de Almancil.

Durante a reconstrução de Lisboa, após o terramoto de 1755, os velhos azulejos - tipo provenientes dos escombros - foram recuperados para se inserirem em novas construções arquitetónicas. Este tipo de azulejo chama-se "pombalino", em homenagem ao Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I e responsável pela reconstrução de Lisboa. Naquela época colocavam nas fachadas das casas pequenos painéis de culto "registos" para se protegerem das catástrofes...



Hoje encontramos o azulejo em museus, nas galerias, nos metropolitanos. De fato, o azulejo contemporâneo é uma arte viva, à qual se permite todas as liberdades até alcançar a terceira dimensão, jogando com os relevos e colocando-se nos limites da arquitetura, da escultura e da pintura.

**Maria Josefa Lopez Montes, Centro Pablo Freire Maracena Granada, Espanha**  
**Rosária Próspero, Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal**



Caminhos do Azul em Portugal.

Cultura portuguesa, com o odor do ar azul do mar

Para Portugal, o mar é a porta natural de entrada do país, ali onde a terra acaba e o mar começa. Outrora, este país de marinheiros quebrou o lendário mar tenebroso, a partir da ocidental praia lusitana. Portugal lançou-se, assim, na maior aventura coletiva de sua história: a descoberta de novas terras e do grande oceano.



É na esteira deste oceano azul que a artista plástica Joana Vasconcelos construiu o seu próprio percurso artístico. O seu barco *Trafaria Praia* navegou de Lisboa a Veneza, para representar Portugal na Bienal de Veneza em 2013. Durante esta viagem a bordo do barco, as costas douradas desfilaram, alternando com falésias íngremes e praias de areia macia a perder de vista. Propomos aqui um caminho azul que vagueia ao longo dos caminhos da costa algarvia, à descoberta dos seus vales suspensos, ao som das palavras e pensamentos de Joana Vasconcelos.

### **Percurso azul no Algarve, ao longo dos Vales Suspensos**

O Trilho dos Vales Suspensos no Algarve é uma verdadeira experiência artística da cor azul, no coração da obra que a natureza construiu ao longo do tempo geológico. Esse contato com a natureza dá-nos motivos para pensar na nossa relação com o mundo, no seu património natural e cultural que deve ser protegido.



E o azul, omnipresente, convida-nos a vir ao Algarve, onde a terra, o mar e o céu se fundem em todas as suas nuances. As diferentes cores do mar e do céu cujo casamento nasce nesta linha curva do horizonte leva-nos a querer ir mais longe. Partamos em busca de diferentes flores e pássaros, ainda mais azuis, em busca de novos cheiros e perfumes encantadores para dar a conhecer e partilhar.



Façamos este percurso pedestre de dois quilómetros que faz parte do Trilho dos Sete Vales Suspensos, entre a praia da "Marinha" e a praia de "Benagil". Ele maravilha-nos com as suas paisagens surpreendentes, com a beleza das falésias de cinquenta metros de altura com vista para o mar e as magníficas praias que o tingem permanentemente com todas as tonalidades de azuis.



Para além do seu valor geomorfológico e paisagístico, estas falésias calcárias oferecem habitats únicos para uma flora e fauna notáveis. É o caso dos arbustos de zimbro que ocupam o topo das falésias, de várias aves marinhas que se abrigam nas suas paredes rochosas ou dos morcegos que utilizam as grutas características desses ambientes rochosos. Entre as muitas aves que escolhem esta região para nidificar, observemos a "pega azul" cuja plumagem se veste dos mais belos tons de azul.

Este percurso também é botânico: marcam-no trinta e cinco plantas com flores azuis, em particular o *Borago officinalis*, habitualmente chamado em Portugal de "Borragem", que combina a beleza de suas profundas flores azuis, com qualidades culinárias e medicinais. Dizem que esta planta é originária da Síria; podemos encontrá-la hoje em toda a bacia do Mediterrâneo, onde uma boa exposição ao sol permite que ela desabroche durante quase todo o ano, se desenvolva com muita facilidade e alcance até sessenta centímetros de altura. Na cozinha, as suas flores e folhas jovens são usadas para dar sabor a saladas com o seu aroma fresco. Na medicina, possui capacidades anti-inflamatórias e anti-stress

## Entrevista à artista Joana Vasconcelos

Une délégation d'élèves et de professeurs de l'Agrupamento de Escolas João de Deus (AEJD), engagés dans le projet « Chemins du bleu en Europe », s'est déplacée de Faro à Lisbonne pour visiter l'œuvre *Trafaria Praia* et l'atelier de l'artiste plasticienne Joana Vasconcelos, à laquelle plusieurs questions ont été adressées.

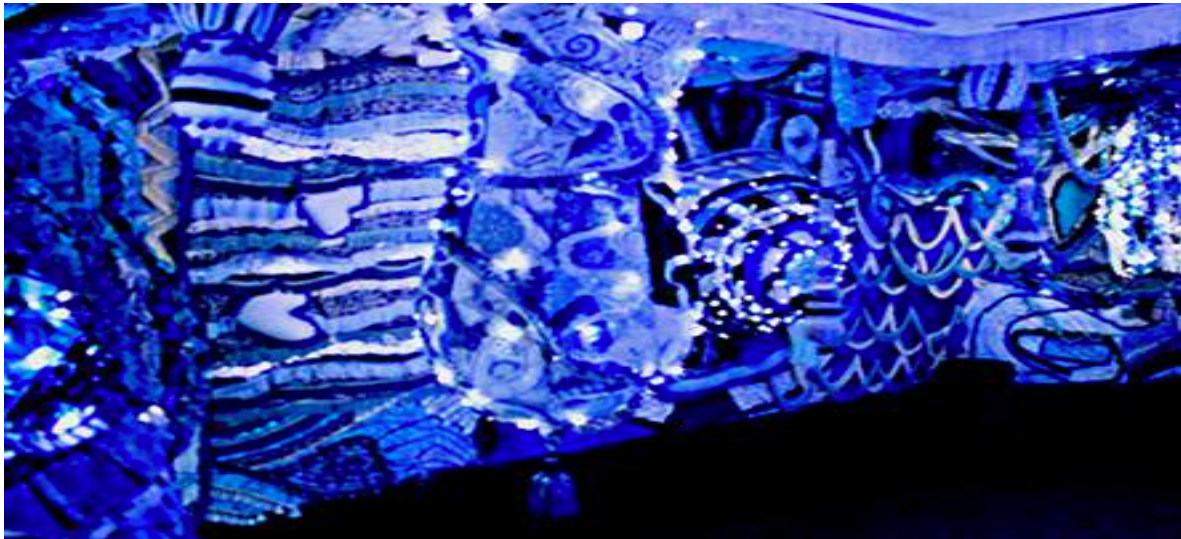
**AEJD:** - A cor azul tem particular importância nas suas obras ?

**Joana Vasconcelos:** Enquanto portuguesa, a cor azul é uma cor muito presente na minha vida e isso também se reflete na minha obra. Quando vivemos junto ao mar, a ideia de escapar para outros mundos torna-se bastante presente e real, e creio que o mar abre horizontes, criando uma maior amplitude de visão e imaginação. É uma cor que está muito ligada aos portugueses, à água, aos descobrimentos marítimos, à expansão, à viagem... Por questões geograficamente óbvias, somos um povo altamente dependente do mar e a nossa história também o reflete.

O maior exemplo de como isso tem peso na minha obra é o *Trafaria Praia*. É um projeto pelo qual tenho muito carinho por ter sido um desafio tão particular e desafiante.



Foi pensado enquanto representação do pavilhão de Portugal para a Bienal de Veneza de 2013 e consiste num cacilheiro restaurado, cuja parte de fora está revestida por um painel de azulejos e o seu interior preenchido com uma “valquíria”. A azul e branco, o painel representa uma vista panorâmica da Lisboa contemporânea vista do rio.



Já no interior do cacilheiro, procurei recriar um ambiente do fundo do mar, através de têxteis azuis e de luzes LED, resultando numa obra da série “Valquírias”, chamada “Valquíria Azulejo”. Assim, no interior do *Trafaria Praia*, nasceu um ambiente místico repleto de criaturas misteriosas e fantásticas que nos envolvem numa experiência mágica.

**AEJD:** - Utiliza os dias « azuis » para criar obras mais melancólicas ou « mais interventivas » ?

**Joana Vasconcelos:** Tal como tenho vindo a explicar, as minhas obras partem de uma ideia ou conceito sobre o qual pretendo refletir e trabalhar. É um processo que não está inteiramente dependente dos estados de alma, porque essas ideias podem acompanhar-me ao longo de muito tempo até estarem suficientemente “maduras” e serem materializadas.

**AEJD** : - Qual o elemento, ou objecto, mais imprescindível no seu local de trabalho ?

**Joana Vasconcelos:** Sem dúvida a boa disposição. É essencial que haja bom ambiente quando se trabalha em equipa.

Por outro lado, um objeto que me acompanha há muitos anos, onde quer que eu vá, é um caderno onde desenho e faço apontamentos das ideias que me vão surgindo para peças novas. Em mais de 20 anos de carreira, já tenho mais de 40 guardados, completamente preenchidos.

**AEJD** : - Se pudesse escolher a cor do céu ou do mar, escolheria a cor azul ?

**Joana Vasconcelos:** Claro. Seria imperdoável mudar a cor do céu ou do mar.

**AEJD:** - A escola pode ensinar-nos a ser artistas ?

**Joana Vasconcelos:** Nem todos os que estudam artes podem ser artistas, mas existem muitas outras alternativas e possibilidades dentro desta área.



Contudo, se sentem que ser artista é o seu caminho, que sejam persistentes e resistentes. O meu conselho é que trabalhem muito e que mantenham os horizontes abertos.

**AEJD** : - Ser artista é, no seu caso, tão evidente como o céu ser azul ?

**Joana Vasconcelos** : Até agora tem sido e faço por sê-lo todos os dias. A minha arte passa muito por um olhar crítico sobre a realidade e não dá como fugir a isso - faz parte de mim. O que me inspira é a vida: os símbolos, os objetos dos quais nos rodeamos, os comportamentos das sociedades ao longo dos tempos...



Ser artista é assumir uma forma muito especial e livre de nos relacionarmos com o mundo. A arte é um modo de explorar, trabalhar e comunicar conceitos de forma plástica. Deve quebrar fronteiras, saltar barreiras e proporcionar aos outros novos e diferentes modos de ver. A arte traz-me uma visão ilimitada das coisas.

**Paula Henriques Pereira, Rosária Próspero, Ana Lúcia Correia e Anabella Vaz,**  
professores do Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal



Caminhos do azul na Italia.

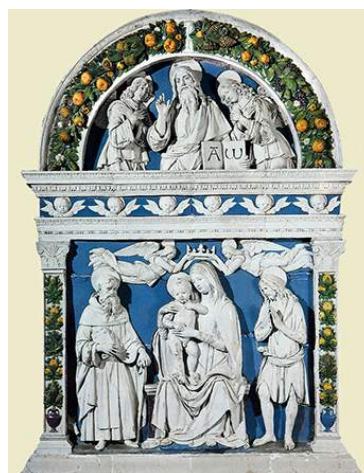
Trivium

«Três canteiros de flores fazem um jardim», Giulio Cesare Croce, *Il Tre, Operetta dilettevole*

Montecchio Emilia, Ravenna e San Quirico d'Orcia situam-se nos três cumes de um triângulo equilátero perfeito, cujos lados coincidem com três caminhos muito importantes em Itália: o Pó a norte, a *Via Teutonica* a este, e a *Via Francigena* a oeste. É um triângulo rodoviário de grande importância histórica, que se tornou o coração - também emblemático - dos nossos Caminhos do azul. Foi seguindo estes caminhos que partilhámos encontros, experiências, estudos, colaborações, entendimentos profundos e duradouros entre os parceiros deste mesmo projeto, no qual descobrimos afinidades e particularidades eletivas.

### **O caminho do azul no território de Siena**

No território de Siena, um caminho já foi traçado pelo fluxo de peregrinos que viajaram e ainda viajam pela Via Francigena, que liga a Inglaterra a Roma, a sede do papado. O nosso caminho do azul percorre esta Via seguindo os passos do Arcebispo Sigeric que, por volta do ano 1000, descreveu as diferentes etapas aquando do seu regresso a Itália, de Canterbury a Roma.



A estrada que vai do Lácio até à fortaleza sobranceira e solitária de Radicofani é tortuosa e cansativa, mas, depois de chegar à aldeia, podemos fazer uma paragem e admirar, na igreja de Saint-Pierre, as cerâmicas da oficina florentina de Della



Robbia: são retábulos de fundo azul, sobre os quais se destacam as silhuetas brancas dos santos, emolduradas com motivos policromados

De Radicofani, a estrada desce em direção a Briccole, onde a Lenda Dourada de Jacopo da Varagine coloca o casamento místico de São Francisco com Madonna Povertà. Este caminho continua até Castiglione d'Orcia, onde duas fortalezas milenares formam um cenário para as obras-primas de Francesco di Giorgio e Lorenzo referido como Vecchietta e Pietro Lorenzetti, cujas pinturas dos mantos das Madonnas mostram todos os tons de azul.



Um atalho desce a pique da Rocca para nos conduzir por um dos mais famosos e fotografados locais do mundo: o Vale de Orcia, inscrito na Lista do Património Mundial pela Unesco.



Na primavera, a estrada é invadida pelo cheiro de jasmim, íris, muscari e arbustos de rosmaninho floridos. No sopé de uma suave colina, vemos San Quirico d'Orcia, rodeado por oliveiras centenares. Paremos aqui para visitar a Igreja Colegial, o Palácio Chigi, os jardins Horti Leonini que remontam ao século XVI e descobrir as antigas fábricas de cerâmica com belos tons de azul.



Desde San Quirico, a estrada sobe até Montalcino: o caminho é às vezes íngreme, mas a silhueta da fortaleza atrai a curiosidade, facilitando a viagem; atravessamos vinhas cujos enormes bagos de uvas maduras com reflexos azuis e de amaranço são tão tentadoras, que não podemos deixar de provar uma "zocca".



Depois de um breve descanso e de um copo de Brunello, partimos de novo para uma visita à cidade, ao palácio público e ao museu, onde podemos admirar a majólica arcaica decorada de azul e verde. O caminho continua em direção a Buonconvento com a sua vila medieval e o seu Museu de Arte, que preserva obras dos mestres sineenses do século XV ao XIX. Agora, troquemos temporariamente a

Via Francigena pela grande Abadia do Monte Oliveto Maggiore, onde podemos admirar os preciosos códigos da antiga biblioteca e os azuis profundos dos Albarelli da Farmacologia Histórica.



Chegados a Siena, o caminho do azul revela-se na pintura: são os céus pintados por Ambrogio Lorenzetti dos afrescos da Alegoria e efeitos do Bom e do Mau Governo da Câmara Municipal e do teto da Capela do Manto, localizada no Hospital de Santa Maria della Scala. Vamos em frente, para visitar a catedral e seu museu, onde poderemos ver, na Maestà de Duccio di Buoninsegna, o azul do manto da Virgem que contrasta com o fundo dourado e as cores dos santos.



De Siena, a rota toscana continua o seu caminho através dos castelos de Monteriggioni e Colle di Val d'Elsa, para chegar, deixando a província de Siena, a Altopascio. Esta rota entre monumentos e paisagens notáveis conduz seguidamente a San Miniato, Lucca, Pietrasanta e Pontremoli, para chegar às Cinco Terras e, finalmente, ao Golfo dos Poetas, admirado e descrito por muitos e célebres escritores.

**Raffaele Giannetti, Fondazione Alessandro Tagliolini, San Quirico d'orcia, Itálie**

## Quatre villes sur le fleuve Pô

### Cremona, Parme, Mantoue, Ferrare et Lunigiana entre cieux et eaux : art, histoire, gastronomie, imaginaire.

Se há uma linha que liga estas quatro cidades, é o azul do grande rio Pó.

Cremona, nascida para se tornar um *castro* defensivo no Pó contra as incursões de Aníbal, é a primeira etapa. A praça central é dominada pelo Duomo, cuja fachada é ornamentada por dois longos "frisos dos meses" executados por um mestre escultor do século XIII, da escola de Antélamí. Este ciclo dos meses das catedrais da região da Emília e da Lombardia narra o quotidiano destas diferentes cidades, que estão unidas no seio de uma mesma cultura histórica e artística.

Cremona tem, diz-se, uma guitarra no coração e a sua alma é um violino. Pode-se visitar aí o Museu do Violino, repleto de obras-primas de Amati Luttrers, Stradivari, Guarneri, Rugeri. Elas ilustram a criatividade, a habilidade e os conhecimentos destes artistas do século XVI que chegou até nós através das cento e cinquenta oficinas de violinos espalhadas por toda a cidade.



Cremona é também uma capital da gastronomia. A sua mostarda, acompanhamento de frutos aromatizada com xarope de mostarda, é um dos ingredientes dos tortellini de abóbora- espécie de ravioli -, com biscoitos de amaretti e noz-moscada oriunda do Oriente vinda através da via do Pó. É uma receita antiga das cortes principescas do Renascimento que atravessa os séculos para se tornar hoje um prato popular e rural.

Chegados a Parma, continuamos a nossa rota com a visita da Catedral e do Batistério do arquiteto Antelami. Diante destas obras primas, compreendemos que vivemos no mesmo território, único, mas sempre diferente; o Pó une e divide. Cada cidade desenvolveu a sua originalidade, o seu percurso artístico, político e cultural. Ao criar a ilusão do céu, o pintor Correggio abre as cúpulas do firmamento.

Nas paredes da cúpula da catedral, Nossa Senhora da Assunção voa pelo espaço, suavemente, num turbilhão de personagens e de nuvens; na cúpula da igreja de S. Giovanni, cria uma tensão inteiramente erguida para o céu; a abóbada da Camera della Badessa aparece como uma pérgula onde sorridentes querubins se mostram através dos óculos da cor do azul do céu. Em Parma, o azul suaviza-se numa cor clara, a da violeta de Parma, símbolo da cidade da qual Marcel Proust dizia "com reflexo de violetas".



Chegamos a Mântua navegando pelos lagos. O Parque de Mincio, um mundo palustre, é um labirinto que se ramifica em numerosos canais: a planície tinge-se de azul, as águas dos lagos transformam-se num mar. Atracamos no cais localizado sob o Castelo de São Jorge, onde quinhentas salas guardam tesouros artísticos. O Quarto dos Esposos inteiramente coberto de frescos de Andrea Mantegna é apresentado como um jogo de ilusões, onde tudo oscila entre o que é verdadeiro e o que parece ser verdade.

Damas e querubins inclinam-se para nós através do óculo do centro da abóbada; os elementos arquitetónicos da sala tendem todos para essa ficção espacial. O Palácio de Te, dedicado ao lazer, é também um local de delícias mitológicas. Em Mântua, Giulio Romano pintou um erótico Olimpo, os Amores dos Deuses, a Queda dos Gigantes, na altura em que, em Parma, Correggio pintou os frescos da cúpula de Nossa Senhora da Assunção. O mesmo redemoinho faz com que o céu entre em colapso ou suba à vertigem do infinito. Coabitação sagrada e profana no mesmo

território. Senhoras e querubins inclinam-se para nós pelo oculus do centro da abóbada; os elementos arquitetônicos da peça tendem todos para essa ficção espacial. O Te Palace, dedicado ao lazer, é também um local de delícias mitológicas. Em Mântua, Giulio Romano pintou um erótico Olimpo, os Amores dos Deuses, a Queda dos Gigantes, no momento em que, em Parma, Correggio pintou os afrescos da cúpula de Nossa Senhora da Assunção.



Um mesmo redemoinho faz com que o céu entre em colapso ou suba à vertigem do infinito. Coabitação sagrada e profana no mesmo território.

Ferrara, conhecida como a "cidade das cem maravilhas", a refinada capital do Ducado de Este, marca uma passagem central antes do delta; aqui a corrente do rio estagna, fica atolada. E é, talvez, daqui que nasce o mito da cidade perdida, solitária e enigmática. Esta beleza deserta tem sido a tela de fundo ideal para as metafísicas Musas perturbadoras do pintor Giorgio De Chirico. O Palácio de Este surge, majestoso, das águas da vala profunda; as suas paredes austeras contêm salas delicadamente decoradas que acolheram uma corte que amava a cultura, a elegância e o luxo.



No Palácio Schifanoia, o Salão dos Meses representa, num fundo azul, o céu; um dos mais altos exemplos da arte profana do Renascimento: uma corte dominada pelo Zodíaco parece entregar-se às divindades astrais para uma ascendência favorável. O Mosteiro de Santo António, em Polesine, conserva valiosos frescos da Escola de Giotto. O ciclo de cenas da Paixão oferece, sobre um fundo azul, uma rara representação de um Cristo humanizado que sobe voluntariamente a escada da Cruz.

No campo, cintilando na superfície do rio como miragens brilhantes, as antigas Mansões de delícias - Stellata, Diamantina, Belriguardo, Benvignante - inserem reflexos da cultura do Renascimento na paisagem natural.

Um pouco mais longe, o rio vai perder-se no Mar Adriático: o céu torna-se imenso, a terra fragmenta-se em lagoas, ilhotas e canais. Neste labirinto, o Pó parece imobilizar-se, perdido, aprisionado por um encantamento. E eis, que no meio do nevoeiro e dos vapores, aparece Ravena, "doce ansiedade do Oriente".



Saímos do vale do Pó para subir os Apeninos e penetrar numa paisagem de beleza rude e severa, esculpida nos cumes recortados dos Alpes Apuanos, repleta do som das águas tempestuosas que rumam em direção ao mar. É a Lunigiana, uma terra ancestral e misteriosa, cujo nome vem da lua e que carrega os traços de um longo passado, modelado pelos Ligúrios, Celtas, Romanos, Bizantinos; exércitos, mercadores e peregrinos atravessaram-na e transformaram os arcaicos caminhos de terra em importantes artérias rodoviárias.

O museu de Pontremoli guarda menires, estátuas-estelas da Lunigiana. Muitas hipóteses foram formuladas sobre o significado destes testemunhos do período megalítico, ainda envoltos em mistério: símbolos de túmulos, guardiões vizinhos de

territórios e pastagens, pedras votivas ligadas a nascentes, cursos de água, lugares de culto.



No vale do rio Magra convergem as rotas dos Caminhos da Fé: a Via Francigena que vem da França, o Caminho de Compostela, a Via del Volto Santo de Lucca. Através destes caminhos passaram os símbolos, as línguas, as ideias e as culturas que forjaram e anteciparam a construção da Europa hoje.

Uma vez descidas as montanhas, estamos na Ligúria; o Grand Tour designou esta terra como o lugar habitado pelas musas, tema internacional da pintura de paisagem. Em frente ao mar do Golfo dos Poetas, ponto de encontro entre o lugar, a escrita e o mito, os olhos perdidos no azul, sob os ternos céus quer no inverno quer na primavera, o nosso caminho encontra o que vem do Vale de Orcia.



**Naire Boniburini, Guido Conti,  
Università Popolare La Sorgiva, Montecchio Emilia, Italie**



## **O caminho do azul do vale do Pó ; de Rimini a Pádua, passando por Ravenna**

Desde a Antiguidade, o rio Pó tem sido o eixo principal do sistema de comunicação fluvial do norte da Itália, graças ao porto de Classe-Ravenna, criado pelo imperador Augusto. Ravenna e o Pó são uma cidade e um rio que marcaram a história no espaço e no tempo, mas também estão no centro de uma densa rede de vias rodoviárias e de canais criada para desenvolver vias navegáveis cidades de Emilia.

A partir do século X, peregrinos, soldados, reis e imperadores seguiram duas direções: uma era a do vale do Adige até Verona, que continuava em direção à Via Emilia, a outra atravessa o Vale Pusteria em direção a Treviso. Era uma rota de excelência, chamada Via Romea dell'Alpe que se estendia ao longo do Mar Adriático passando por Pádua, Ferrara, Ravenna e Forlì, onde os dois caminhos se uniam, e que, através do Vale do Bident, o Casentino e Arezzo chegavam a Roma. Hoje como então, é um caminho lento, que se percorre a pé, de bicicleta ou a cavalo.



É a ilustração da expressão "turismo glocal difuso": um turismo responsável, que utiliza pequenas estruturas de acolhimento, sítios culturais, ao longo dos percursos: é uma filosofia turística que pretende mostrar aos viajantes internacionais uma face nova e menos convencional do nosso país. Encruzilhada de povos vindos de longe, Ravenna é uma pequena cidade de arte - mas uma das mais importantes - que, ainda

hoje, nos permite descobrir lugares inexplorados, dentro de percursos incomuns coloridos pelo cromatismo do projeto. Caminhos do azul».



O Ministério do Património Cultural, Artístico e Turístico proclamou 2016 o Ano dos Caminhos e 2017 o Ano das Cidades para desvendar as identidades históricas e artísticas das pequenas cidades. Deste modo, os turistas curiosos que visitam cidades e aldeias da costa do Adriático ficam surpresos ao descobrir frescos e quadros do século XIV pintados por artistas como o Mestre Giotto, nas paredes de igrejas como a Capela Scrovegni em Pádua ou a Basílica de São Francisco, em Assisi. Giotto, os seus discípulos e especialmente a Escola de Rimini contribuíram para dar a conhecer a cor azul através das suas pinturas do céu estrelado e do manto da Virgem. Nas suas obras também aparecem corpos e rostos que exprimem sentimentos humanos que parecem mais reais do que nas obras de outros pintores da Idade Média. Pode-se ver, por exemplo, nas pinturas executadas por Giotto, como o Político de Santa Maria degli Angeli de Bolonha ou o Crucifixo do Tempio Malatestiano de Rimini.



Os ciclos pintados pela escola de Giotto de Rimini são essenciais para a cultura artística local, como os frescos de Santa Chiara em Ravena, a *Igreja San Pietro em Sylvis* de Bagnacavallo ou a Abadia de Pomposa perto de Ferrara

O azul de além-mar proveniente do lápis-lazúli chegou do Oriente até Ravenna através do porto de Classe. A cidade de Ravenna, foi, por três vezes, capital: a primeira do império romano, depois do Reino do rei godo Teodorico e, finalmente, do território dos Bizantinos.



São disso testemunha os monumentos da cidade datados dos séculos V e VI: o Mausoléu de Galla Placidia, as Basílicas *Sant'Apollinare Nuovo*, *San Vitale* e *Sant'Apollinare em Classe*, que contêm magníficos mosaicos. Nestes lugares sagrados, somos atraídos por todas as nuances da cor azul, símbolo da passagem da vida terrena para a vida celestial, uma condição nascida com o cristianismo. Descobrimos que esta dominante cromática foi um fio condutor para a elaboração de uma decoração simultaneamente simples e complexa, que transmite ao observador sensações e vibrações, através da explosão da luz refletida pelas tesselas em pasta de vidro com nuances azul, azul esverdeado, amarelado e violeta, com gradações claras e escuras.

A própria natureza revela fragmentos de matéria e equilíbrios matemáticos comparáveis aos dos mosaicos.



Podemos dizer que a tessela é o equivalente do ponto na geometria. A era contemporânea criou a tessela eletrônica, chamada pixel, um princípio cromático usado para criar imagens e vídeos. A fotografia e o vídeo digital tornaram-se práticas eficazes para analisar os mosaicos, selecionando detalhes de cor azul, projetando-os no atelier, recriando obras que usam as mesmas fórmulas expressivas e cromáticas das da Antiguidade. Mas reelaborando-as num estilo contemporâneo.

**Donatella Mazza, Valentino Montanari, Deborah Gaetta, Saura Turri, Scuola Internazionale Studi d'Arte del Mosaico e dell' Affresco, SISAM, Ravenna, Italia**



**Caminhos do azul na Roménia.**

**De Iasi, a Voronet e a Sapanta**

## Em Iași, o azul de Sabin Bălașa

Os Caminhos do Azul estão presentes na Universidade Alexandru Ioan Cuza de Iași, uma cidade dedicada às artes e à cultura, localizada na Moldávia Romena. Fundada em 1860, esta universidade, que é a mais antiga da Roménia, abriga as paredes azuis da Sala dos Passos Perdidos pintadas por Sabin Bălașa.



Em 2002, o pintor Sabin Bălașa criou um programa de 19 murais monumentais para as paredes da Sala dos Passos Perdidos da universidade. Estas grandes pinturas verticais que se estendem ao longo de quase trezentos metros quadrados ilustram o carácter específico, espiritual e cósmico que Sabin Bălașa atribuiu à cor azul.

*"O azul representa-nos, a todos nós, que voámos no espaço cósmico ... O meu azul liga-se à lenda Miorița e aos verso de Eminescu, isto é, à matriz da nossa espiritualidade".*



O trabalho retrata, em azul, personagens e animais míticos com desenhos precisos e legíveis, mas encenados em imagens povoadas de metáforas e símbolos que confundem a visibilidade e convidam a múltiplas leituras.

Através da cor azul, o pintor expressa uma visão cósmica de um mundo fabuloso, separado de qualquer realidade, povoada de criaturas fantásticas, entre a mitologia antiga e a ficção contemporânea.

### **Raluca Lovin, *Asociatia Accentul Circumflex*, Bacau, Roumanie**

#### **Em Sapanta, o Paraíso azul<sup>2</sup>**

A nossa viagem pelos "caminhos do azul continua em direcção ao norte", ali onde se "pendura o mapa na parede" de acordo com uma expressão romena, na região de Maramures, berço das tradições mais antigas.



O cemitério de Sapanta é único no mundo, pela unidade estilística das sepulturas, encimadas por imagens e textos representativos dos falecidos, pintados em paletas coloridas e sorridentes, onde predomina o azul. Criado nos anos trinta por Ioan Stan Pătraș, um dos habitantes da aldeia de Sapanta, o cemitério articula as antigas

<sup>2</sup> Mărioara Pașcu, *Le cimetièr joyeux de Săpânța*, Éditions Alma Mater, Sibiu, 2013

tradições da escultura em madeira com pintura espontânea e a poesia popular com ritmos e rimas simples. A vivacidade das cores está na origem do nome que lhe foi dado: "Cemitério feliz" ou "alegre".

O objetivo desta criação artística é perpetuar a recordação do falecido na memória coletiva e preservá-lo através da cruz, símbolo do sacrifício divino. O cemitério condensa, ao mesmo tempo, a vida, a morte, o homem, criações de Deus. Nas suas memórias dos Cárpatos<sup>3</sup>, Jean Cuisenier comparou este "jardim dos mortos" a um "paraíso azul que desceu sobre a terra".

Cada sepultura é decorada com uma cruz esculpida em madeira de carvalho e um epitáfio de imagens coloridas e de algumas linhas, evocando a vida e a morte do falecido.



As cenas representadas nas cruzes refletem a vida quotidiana e tradicional romena: as mulheres fiam a lã, cozinham, tecem tapetes populares; os homens moldam a madeira ou trabalham na criação dos rebanhos de ovelhas.

Essas sepulturas às vezes ilustram com ironia as qualidades e defeitos do falecido. Elas transmitem uma mensagem clara, escrita na primeira pessoa do singular, endereçada a todos os vivos.

---

<sup>3</sup> Jean Cuisenier, *Mémoires des Carpathes*, Echinox, Cluj, 2002, p. 228



Neste exemplo singular de arte funerária, a cor azul adquiriu o nome "azul de Săpânța". Azul, a cor do céu, adquire aqui conotações de espiritualidade e de eternidade. Todos os epitáfios veiculam também a esperança do falecido, para ele e os seus, de ser perdoado, de ascender ao Paraíso. O desejo do falecido de não ser esquecido é colocado no final do epitáfio, como uma conclusão final.



*Aqui descanso, Stan Ileana é o meu nome  
Vivi durante muito tempo  
Tive cinco filhos , eduquei-os bem  
Vasii era o mais novo quando o perdi  
Queridos filhos e sobrinhas, peço-vos  
Rezem a Deus e não se esqueçam de mim.  
Stan Ileana, oitenta anos 1912-1992.*

**Mărioara Pașcu**

**Associação Accentul Circumflex, Bacau, Roménia**

**Coordenação de redação em Bacau**

**Angela Sterpu, Asociația Accentul Circumflex, Bacau, Roménia**

**Angela Ginta, Colegiul Tehnic de Comunicații « Nicolae Vasilescu-Karpen »,  
Bacau, Roménia**

## O mosteiro sagrado de Voroneț, testemunho e símbolo do "azul da Roménia"

A arte popular romena costuma considerar o azul como um símbolo de espiritualidade. Associa-o à verdade, à inspiração, à criatividade, à tranquilidade, à introspeção e à contemplação. Pela sua própria falta de materialidade, o azul tem o potencial de transformar o real em imaginário: azul é intemporal! A vibração que constantemente ilumina, ao longo do tempo, o espírito romeno, materializa-se, tradicionalmente, na cor azul.



Desde a Idade Média, esta cor concretiza-se no azul da igreja de Voroneț, única no mundo, tal como o vermelho de Rubens ou o verde de Veronèse. Diante dos frescos de Voroneț, o espetador é transportado, pelo azul, para o universo celestial da espiritualidade divina, onde a cor se movimenta do real em direção ao imaginário, sugerindo o infinito.

O nosso azul provém da azurite. Esta pedra produz colorações que não se encontram só em Voroneț, mas também noutros mosteiros da Alta Moldávia que datam do mesmo período em que, como em Probota, Suceava, Humor, Moldávia, Arbore Sucevița, os evangelhos são lidos nas imagens.



O inspirador da iconografia dos frescos pintados nas fachadas das igrejas da Moldávia é o Metropolita Grigorie Roșca. Quando a pintura exterior irrompe nas paredes de algumas igrejas moldavas, ela submete -se, da mesma forma que a pintura interior destes edifícios, à regra não escrita, mas imutável, da ortodoxia segundo a qual o simbolismo iconográfico deve corresponder ao simbolismo arquitetónico. Assim, o edifício-cosmos recria o céu terrestre, como o *imago mundi*, onde um drama sagrado é vivido diariamente, uma liturgia que se transforma numa parte do universo<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Răzvan Theodorescu, *Civilizația românilor între medieval și modern. Orizontul imaginii (1550 –1800)*, Vol. I, Edit. Meridiane, București, 1987.



A igreja de Voroneț é o canto do cisne desta época gloriosa, em que criações únicas são realizadas no mundo. Nascido da vontade de Deus, das orações do Santo e Piedoso Daniel, o Ermita, e dos esforços do cristão Santo Príncipe Estevão, o Grande, o Mosteiro Sagrado de Voroneț foi elevado de 26 de maio a 14 de setembro, sob o patrocínio do Santo- Mártir Georges.

Em 1547, devido aos cuidados do Metropolita Grigorie Roșca, um «exonarthex» foi adicionado à igreja e o exterior foi pintado com frescos. Estas pinturas são notáveis pela grande originalidade dos temas abordados, pela pureza do desenho, pela precisão dos detalhes, muitas vezes de influência local, com um requinte cromático que confere ao conjunto um valor excepcional.



O famoso *azul de Voroneț* é o símbolo extraordinário do trabalho, os pintores tiveram a coragem de enfrentar a paisagem circundante, que se transforma num quadro de referência adequado à realização do homem. "Que audácia deslumbrante! Os trabalhadores moldavos pintavam as paredes exteriores das igrejas sem temer que as cores da natureza as denegrissem. As figuras são desenhadas sobre um fundo azul brilhante, assim como a igreja surge no céu azul<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Drăguț, Vasile, *Dicționar enciclopedic de artă medievală românească*, București, Ed. Științifică și enciclopedică, 1976,



O azul celeste, de um profundo e intenso brilho, transfigura cada cena e atribui uma solenidade cordial a todas as grandes superfícies<sup>6</sup>. Sobre o fundo azul está representada *A árvore de Jessé* ou *A genealogia de Cristo, nosso Salvador* bordada nas colunas laterais com as figuras dos grandes antigos sábios gregos. O grande fresco da fachada oeste, ilustrando o tema do Julgamento Final, permitiu que a igreja do Mosteiro de Voroneț fosse comparada à Capela Sistina do Oriente. Sob o fundo azul, todos os personagens do conjunto pictórico das absides movem-se em direção a Jesus Cristo, para a sua segunda vinda...

---

6 Drăguț, Vasile, *Tezaure artistice medievale - pictura murală, broderiile și miniaturile*, în “Trepte de civilizație românească”, București, 1982, p.123-130.



Não é a natureza do pigmento azul – usado aliás no fundo dos frescos desde a Antiguidade - que é característico de Voroneţ, mas a sua resistência a condições meteorológicas muito adversas, graças a uma técnica especial, também utilizada na pintura tradicional dos frescos bizantinos. A conservação excecional das pinturas no clima extremamente severo da Bucóvina surpreendeu, ainda mais, já que entre todas as cores usadas nas pinturas de murais de outros países e regiões, o azul é a primeira cor que desaparece sob a influência das intempéries.

É uma pintura lendária... Uma mão cheia de génio oferecida por Deus, através das mãos de ouro de pintores, de monges desconhecidos de ontem e de hoje. É o azul emprestado dos livros sagrados que se descodifica na parede exterior. Somente a fé dos pintores pode levar a tal trabalho, diante do qual os fiéis e os peregrinos podem rezar, apoiar sua testa, em tempos de crise e de necessidade.



"A cor do nosso povo parece ser o *azul de Voroneț*, pelo qual o homem romeno expressa os seus mais íntimos sentimentos, os seus pensamentos e a sua mais profunda personalidade, seu coração e seu espírito. Através desta cor, os nossos antepassados transmitiram às gerações futuras a mais sagrada, profunda, forte e pura mensagem: o azul como símbolo da fé em Deus, de um testamento de fé, de confiança na vida, no desejo de silêncio e paz "<sup>7</sup>.

São estes símbolos que o Santo Mosteiro de Voroneț quer preservar, com todas as suas forças, para restaurar os seus tesouros culturais e dá-los a conhecer. A fé cresce através do poder da arte e a arte nasce da fé.

**Moniale Doctoresse Gabriela Platon, Madre Superiora do Mosteiro de Voroneț, Roménia**

---

<sup>7</sup> Arhiepiscopul Maramureșului și Sătmăruului, Justinian Chira, *Harul și adevărul*, Editura Episcopia Maramureșului și Sătmăruului, 1996, p. 19.



## **Autores**

Boniburini Naire, Presidente, Università Popolare La Sorgiva, Montecchio Emilia, Italy

Conti Guido, Professor, Università Popolare La Sorgiva, Montecchio Emilia, Italy

Correia Ana Lúcia, Professoressa, Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal

Di Nisio Luciana, Formadora, Università Popolare La Sorgiva, Montecchio Emilia, Italy

Gaetta Deborah, Formadora, Scuola Internazionale Studi d'Arte del Mosaico e dell'Affresco, SISAM, Ravenna, Italy

Giannetti Raffaele, Professor, Fondazione Alessandro Tagliolini, San Quirico d'orcia, Italy

Ginta Angela, Professoressa, Colegiul Tehnic de Comunicații « Nicolae Vasilescu-Karpen », Bacau, România

Henriques Pereira Paula, Professoressa, Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal

Lopez Montes Maria Josefa, Directora, Centre Pablo Freire Maracena Granada, Espanha

Lovin Raluca, Professoressa, Asociația *Accentul Circumflex*, Bacau, România  
Mazza Donatella, Formadora, Scuola Internazionale Studi d'Arte del Mosaico e dell'Affresco, SISAM, Ravenna, Italy

Montanari Valentino, Presidente, Scuola Internazionale Studi d'Arte del Mosaico e dell'Affresco, SISAM, Ravenna, Italy

Naldi Paolo, Fotógrafo e Diretor, Fondazione Alessandro Tagliolini, San Quirico d'Orcia, Italy

Pașcu Mărioara, Autor e Formadora, Asociația *Accentul Circumflex*, Bacau, România

Platon Gabriela, Monja Doutora, Madre Superiora do Mosteiro de Voroneț, România

Prospero Rosaria, Professoressa, Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal

Rossi Maura, Designer Gráfico, Fondazione Alessandro Tagliolini, San Quirico d'orcia, Italy

Rutily Aline, Doctor, Artista visual, Association Paysage et patrimoine sans frontière, Saint-Germain-en-Laye, França

Soulier Jean, Formador, Presidente Association Paysage et patrimoine sans frontière, Saint-Germain-en-Laye, França

Sterpu Angela, Presidenta, *Asociatia Accentul Circumflex*, Bacau, Roménia

Turri Saura, Formadora, Scuola Internazionale Studi d'Arte del Mosaico e dell'Affresco, SISAM, Ravenna, Italy

Vaz Anabella, Professora, Agrupamento de Escolas *João de Deus*, Faro, Portugal

### **Tradução**

Balan Carmen Cornelia, Tradução em romeno

Santos Ricardo, Tradução em português

Segarra Lagunes Silvia Susana, Tradução em espanhol

Luppi, Cesarina, Tradução em italiano

Costa Carlos, Tradução em português

### **Apresentação gráfica**

Soulier Jean

### **Créditos fotográficos**

Di Nisio Luciana p. 5, 36, 37, 38, 39, 40

Gaetta Deborah p. 6, 41, 42, 43, 44

Henriques Pereira Paula p. 1 (logo), 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Molina López Alejandro p. 18, 19

Naldi Paolo p. 1, 7, 17, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 45

Paray Jacques p. 6, 11

Pascu Mărioara p. 47, 48, 49

Rossi Maura p. 1, 7, 17, 21, 31, 45

Rutily Aline p.9, 13, 16, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

Soulier Jean p. 10, 20, 21

Ville de Saint-Germain-en-Laye p. 11

Wikimedia Commons p. 12, 13, 14, 15, 22

## Tabela de conteúdos

<b>Introdução .....</b>	<b>p. 3</b>
<b>Caminhos do azul em França Sequana, das portas de Paris até ao mar .....</b>	<b>p. 7</b>
<b>Caminhos do azul na Espanha. O caminho do azulejo através da Península Ibérica, entre Espanha e Portugal .....</b>	<b>p. 17</b>
<b>Caminhos do Azul em Portugal. Cultura portuguesa, com o odor do ar azul do mar .....</b>	<b>p. 23</b>
<b>Caminhos do azul na Itália. Trivium .....</b>	<b>p. 31</b>
<b>Caminhos do azul na Roménia. De Iasi, a Voronet e a Sapanta .....</b>	<b>p. 45</b>
<b>Tabela de conteúdos .....</b>	<b>p. 59</b>